

**Glivia Guimarães Nunes ( UFSM) <sup>1</sup>**  
**Ketlin Elís Perske(UFSM)<sup>2</sup>**  
**Giovana Ferreira-Gonçalves ( UFPel) <sup>3</sup>**

### **Resumo**

Nos falantes do português que apresentam a influência do alemão é comum, na oralidade e na escrita, algumas trocas de fonemas. Esse trabalho tem por objetivo descrever e analisar dificuldades de escrita, originadas da interferência de um dialeto alemão falado, em crianças bilíngues português /alemão. O corpus é constituído de 3 narrativas orais e escritas de sujeitos de uma escola da cidade de Agudo- RS.As coletas são longitudinais.Nas produções,verificou-se algumas trocas de fonemas.Os resultados confirmam a interferência do dialeto alemão na aquisição da escrita,pois os erros detectados estão relacionados a processos encontrados na oralidade.

Palavras – chave: influência, oralidade, escrita, dialeto, aquisição da escrita.

### **Abstract**

In portuguese speakers who present influence from german it is common, both in the orality and writing, some changes of phonemes.This work objective is to describe and to analyze writing difficulties,caused by the interference of a spoken German dialect in double-tongued children, portuguese/german.The corpus is constituted by 3 oral and written narratives of subjects from a school from the town of Agudo - RS. The collects are longitudinal.In the productions were verified some changes of phonemes.The results confirm the influence from the german dialect in the writing acquisition, because the mistakes detected are related to processes found in orality.

Key words: influence, orality, writing, dialect, writing acquisition.

### **Introdução**

Nos falantes de língua portuguesa que apresentam interferências de dialetos alemães, frequentemente, ocorrem, na oralidade e na escrita, algumas trocas de fonemas. São recorrentes processos, tais como: /g/ por [k], como em [k]ritou; [X] por /r/, como em co[r]eu ; /b/ por [p], como em [p]aixo; [S] por [s] , como em [Sapo]; /v/ por [f], como em le[f]ado; /t/ por [d], como em filho[d]es e ainda /aw/ por [on], como ch[on], por exemplo . Considera-se, nesses casos, o contato do falante com as duas línguas, o português e o alemão.

A influência da oralidade na aquisição da escrita tem sido constatada em várias pesquisas acerca do português brasileiro, como em Cagliari (1989), Scliar-Cabral (2003) e Zorzi (1998). Neste trabalho, será apresentado um pequeno recorte da pesquisa

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português, Bolsista BIC/FAPERGS – glivianunes@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português, Bolsista BIC/FAPERGS – ketyelis@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador – gfgb@terra.com.br

---

*Aquisição da escrita: influências do dialeto alemão*<sup>4</sup>. Essa pesquisa tem como principal objetivo investigar a influência que a oralidade exerce sobre a escrita, considerando sujeitos bilíngues português/alemão. De acordo com Grosjean (1994, p.1657), “um dos aspectos mais interessantes do bilinguismo é o fato de que duas ou mais línguas estão em contato em um mesmo indivíduo.”

Cabe salientar ainda que todos os sujeitos são moradores da localidade de Agudo, que é uma cidade de imigração alemã; nessa cidade, grande parte da população não só possui descendência, como também fala o alemão. O dialeto falado no município é o *Hunsrückisch*. Também é importante ressaltar que é oferecido às crianças, nessa escola, o aprendizado do alemão-padrão como língua estrangeira a partir da 5ª série, mas muitas delas aprenderam a variedade de imigração.

A pesquisa é do tipo longitudinal e os dados são coletados a partir de narrativas orais e escritas, elaboradas por sujeitos do 2º, 4º e 6º ano de uma escola de ensino fundamental da zona rural do município.

Nesse artigo, será feita uma amostra de dados de três sujeitos, um de cada série, baseando - se nos levantamentos feitos a partir das produções orais e escritas. Além disso, será realizada uma comparação entre os dados desses sujeitos, considerando os processos e as ocorrências de trocas que cada um apresenta.

## **Desenvolvimento**

### **1. Algumas considerações teóricas**

Um tema muito recorrente em estudos da linguagem é o bilinguismo, pois “quase metade da população mundial é funcionalmente bilíngüe, tendo a sua disposição duas “línguas maternas” (De Hower, 1997, p.185). O bilinguismo tem sido objeto de muitas investigações e reflexões sobre como se dá seu processamento na linguagem. Explicações sobre esse fenômeno têm sido dadas por meio de fatores de cunho linguístico, cognitivo, psicológico e social.

Para entender melhor o bilinguismo e tentar defini-lo, faremos uma breve retomada de alguns estudos, a fim de adotar um conceito de sujeito bilíngüe e caracterizar os alunos envolvidos nessa pesquisa.

De acordo com alguns autores, o sujeito bilíngüe é aquele que possui o domínio do falante nativo nos dois sistemas que emprega; como vemos em Bloomfield (1979,

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa orientado pela Profa. Dr. Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel)

---

p.56): “duas línguas como se ambas fossem duas línguas maternas” definiriam o sujeito bilíngüe. Esse é o bilinguismo denominado perfeito, verdadeiro, total ou ambilinguismo. Mas, para Grosjean (1982) e Stoll (1997), entre outros, essa visão é limitada, pois exclui os falantes que empregam regularmente duas línguas, mesmo não as dominando como um locutor nativo.

Também se pode conceber o bilinguismo como um contínuo e transitório, onde as manifestações lingüísticas do sujeito não ocorrem de modo ideal, nem perfeito. Nessa visão, o grau de bilinguismo variaria em função de cada habilidade. Stoll( 1997) ilustra esse ponto vista , caracterizando o sujeito bilíngüe como “ o ser dotado de dois sistemas de competências justapostos”. Stoll também destaca o bilinguismo intelectual, no qual o locutor não é capaz de escrever, falar ou compreender enunciados orais, mas lê perfeitamente em segunda língua.

Antes dele, Macanamara (1967), definiu o sujeito bilíngüe de maneira mais geral: aquele que manipula pelo menos uma das quatro habilidades ligadas produção ou à compreensão da linguagem em outra língua que não seja a materna.

As pesquisas que consideram o fenômeno lingüístico como um contínuo demonstram que o locutor não realiza as duas línguas de modo simétrico, mesmo quando as crianças iniciam precocemente o processo de aquisição lingüística. Muitos estudos apontam para a existência de uma língua dominante e de uma língua fraca, mesmo quando adquiridas durante a infância.

Autores como Weinrich (1953) e Grosjean (1985), destacam a importância do contexto de emprego e uso de cada uma das línguas para definir o sujeito bilíngüe. Esses fatores poderiam determinar o desenvolvimento de certas habilidades presentes em uma língua, mas ausentes em outra. De acordo com essa visão, o bilinguismo equilibrado seria uma ilusão, pois o locutor não parece poder atingir o mesmo nível de competência nas duas línguas.

Outro fator relevante é a idade do locutor quando começa a adquirir a segunda língua e a duração dessa exposição ao novo sistema lingüístico. Para Weinrich (1953), a escolha do item lexical ou do sistema lingüístico apropriado ocorrerá em função do que o locutor tenciona comunicar, do interlocutor com quem ele interage e do lugar em que se encontra. Também a maneira como as palavras estão representadas na mente do sujeito podem variar.

Prosseguindo com a análise do fator idade, pode não haver separação evidente entre o desenvolvimento da língua materna e de uma língua estrangeira. Isso ocorre quando a aquisição da língua estrangeira começa no período em que o processo de

---

aquisição da língua materna ainda está ocorrendo. Para Klein (1989), sujeito bilíngüe é aquele que começa a adquirir as duas línguas entre 1 e 3 anos de idade. Após essa idade, a segunda língua é tratada como estrangeira. Se o seu desenvolvimento ocorrer entre o período de 3-4 anos até a puberdade, tratar-se-á de uma aquisição de língua estrangeira precoce e se ocorrer após a puberdade, será língua estrangeira adulta.

McLaughlin (1984) distingue bilinguismo precoce de tardio da seguinte maneira: no primeiro, o desenvolvimento das duas línguas ocorreria durante a infância e no segundo, na puberdade ou na fase adulta.

Após realizar essa breve apresentação de visões sobre as definições de sujeito bilíngüe e os fatores envolvidos nesse fenômeno lingüístico, retomamos Grosjean (1982), que define o sujeito bilíngüe como aquele que emprega regularmente duas línguas, mesmo que não as domine como o locutor nativo. Tomaremos por base essa definição para guiar-nos e classificar os sujeitos da pesquisa como bilíngües ou monolíngües.

O trabalho de pesquisa passou a ter início após percebermos o fato de ser muito comum pessoas com descendência alemã falarem a língua portuguesa de forma diferente. Como consequência disso, a escrita também ocorre de modo diferente, explicitando a interferência da “outra” língua sobre a língua materna. Ao observar que grande parte da população de Agudo possui esta descendência e fala o dialeto alemão *Hunsrückisch*, notou-se a dificuldade de falar corretamente a língua portuguesa, gerando, conseqüentemente, dificuldades na escrita. O *Hunsrückisch* tem esse nome, pois a maioria dos imigrantes que chegaram à região centro do Estado originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época – a região do Hunsrück –, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano / francônio-moselano.

Uma interferência é um desvio que ocorre na língua que está sendo falada devido à influência de outra língua, já desativada ou não pelo falante. As interferências podem ocorrer em todos os níveis (fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmático) e em todas as modalidades (falada, escrita, etc.).

Estudos sobre a interferência de dialetos alemães na oralidade da língua portuguesa já realizados (Prade, 2003) confirmam influências de ordem fonética, estrutural e lexical em falantes que possuem descendência alemã. Esse estudo, além de levantar dados referentes à oralidade, visa também verificar até que medida processos aplicados à oralidade interferem na escrita.

Para tratar de questões de escrita, baseamo-nos em Pontecorvo (2003): “A aquisição da língua escrita é baseada em conceitualizações e regras conscientes, não

---

sendo suficiente viver em uma sociedade alfabetizada para chegar a sê-lo, enquanto a aquisição da língua falada é um processo natural para os que se criem em qualquer sociedade humana, tendo suas bases na biologia de nosso sistema perceptivo e articulatório.”

Esta relação entre oralidade e escrita pode confundir a criança, levando em conta que na escola ele deve observar o padrão da língua portuguesa, mas em casa se depara com a miscigenação das duas línguas. Essa miscigenação decorre da trajetória dos imigrantes alemães, que falavam apenas em língua alemã. É o que diz Kreutz (2003): “normalmente os alunos iniciavam o período escolar com total desconhecimento do português. Em família e em sociedade etnicamente homogênea, falava-se apenas alemão”.

O uso do português restrito ao ambiente escolar ainda é freqüente nessa localidade. Percebemos isso, pois uma das fases do projeto foi realizar uma entrevista com o sujeito a fim de saber sobre a sua descendência e a de seus familiares, também para verificar se o dialeto alemão está presente em seu contexto familiar. Muitos dos alunos têm pais e familiares que falam somente o alemão, não entendem o português e, conseqüentemente, esse aluno desenvolve a língua portuguesa somente no ambiente escolar. Em casa, realmente, o dialeto *Hunsrückisch* ainda é muito cultivado pela maioria dos sujeitos.

Nessa amostra escolhemos alunos bilíngües para verificar até que ponto o dialeto alemão falado influencia na escrita desses sujeitos. Retomando Abaurre (1992, p.44); “a escrita é um espaço muito importante de manifestação da singularidade dos sujeitos. Perceber e entender como se dá a reconstrução da linguagem que se utiliza da forma escrita é papel de todo educador e, em especial, do lingüista que se dedica à educação”. As crianças formulam o que será escrito a partir do uso que fazem da linguagem oral, retomando novamente Abaurre (1988, p.40): “as crianças de um modo geral recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a escrita, mas usam também a escrita, dinamicamente, para constituir uma análise da própria fala”.

Problemas de grafia em língua portuguesa decorrentes da influência da língua alemã já foram observados em outros estudos. Uma das hipóteses sobre a existência desses problemas decorre da seguinte situação: os alunos observados no estudo tem como língua materna o dialeto alemão, e ao entrarem na escola tiveram de aprender a grafia da língua portuguesa, língua esta, não dominada totalmente pelo falante, conforme Pontecorvo ( 2008, p.137): “ Aprender um sistema de escrita e uma língua

---

escrita é uma parte significativa do domínio de uma língua. É uma empresa guiada pela familiaridade com os dados existentes de uma determinada língua”.

A relação entre a oralidade e a escrita é tratada, entre outros, por Ferreiro & Teberosky (1987) que reconhecem a importância da oralidade para a compreensão do sistema alfabético de escrita. Essas autoras sustentam que a compreensão do sistema de escrita exige um primeiro nível de reflexão sobre a língua oral, mas é preciso considerá-la como um objeto em si e descobrir algumas de suas propriedades específicas que não são evidentes nos atos de comunicação.

Já Pontecorvo (2003), tratando do mesmo assunto, refere que há boas razões para vincular a língua oral e a escrita, porém, a demasiada continuidade entre a fala e a escrita pode não ser tão útil, pois nem tudo que se fala pode ser escrito. É o caso de alguns fonemas que trataremos mais adiante, que foram escritos da maneira como são pronunciados pelo falante de *Hunsrückisch*

## 2. A pesquisa

### 2.1 Objetivos

O projeto de pesquisa “*Aquisição da escrita: influências do dialeto alemão*” tem como objetivo geral identificar, descrever e analisar possíveis dificuldades de escrita em crianças de uma escola da zona rural do município de Agudo, todas falantes bilíngues português/ alemão. Na cidade, é falado o dialeto alemão denominado *Hunsrückisch*.

Alguns dos objetivos específicos são:

- Investigar a influência da oralidade na escrita;
- Detectar os erros ortográficos mais frequentes na escrita dos alunos;
- Identificar a relação do dialeto alemão com os erros ortográficos;
- Verificar se há alterações nas hierarquias de restrições.<sup>5</sup>

### 2.2 Materiais e Métodos

As coletas são do tipo longitudinal, prevendo três etapas (nos anos de 2008, 2009 e 2010). Os dados apresentados, nesse trabalho, são referentes a uma pequena amostra da primeira coleta, realizada em setembro e outubro de 2008<sup>6</sup>.

O corpus do projeto é constituído de 56 narrativas orais e escritas, obtidas a partir de produções de crianças do 2º, 4º e 6º ano de uma escola de ensino fundamental

---

<sup>5</sup> Com base em uma análise via Teoria da Otimidade, o projeto ainda prevê verificar se há alterações nas hierarquias de restrições apresentadas pelos sujeitos, considerando uma comparação entre 2º, 4º e 6º anos.

<sup>6</sup> Foram utilizadas as produções orais e escritas da primeira coleta, realizada em 2008, pois esses dados já estavam transcritos.

---

da zona rural da cidade de Agudo-RS. As narrativas são baseadas na estória *Frog, where are you?*, de Mayer (1969), que é constituída apenas de linguagem não-verbal e é utilizada em várias pesquisas sobre a aquisição da linguagem . Os dados foram coletados na própria escola.

Para as coletas das narrativas orais, foi utilizado gravador digital Oregon Scientific VR636. Individualmente, cada sujeito foi chamado em uma sala de aula e, após folhear o livro, o entrevistador solicitava que a criança narrasse oralmente o que se passava com a personagem principal da estória. As narrativas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

Para as coletas das narrativas escritas, foi ocupado um período (50 min.) das aulas de português de cada turma. Na própria sala de aula, cada aluno recebeu uma folha de redação e uma cópia do livro *Frog, where are you?* a fim de narrar, por escrito, a estória. Os erros detectados na oralidade e na escrita foram classificados por tipo de processo fonológico e por sujeito.

### **2.3 – Resultados e discussões**

Com uma análise baseada em três sujeitos; Éd. (2º ano), Raq. (4º ano) e Gio (6º ano), verificou-se algumas trocas de fonemas. Nas narrativas orais e nas narrativas escritas, foi verificado o mesmo número de processos.

Na oralidade, foi detectado um processo de troca de líquidas, a troca do r-forte /X/ pelo r-fraco [r], como em cacho[r]o, por exemplo. Também foram verificados o processo de não-palatalização do /t/ e do /d/ , o processo de semivocalização ,quando trocam /L/ por [j], como em abe[j]a, e a troca /aw/ por [on], como ch[on], por exemplo. A maior incidência foi da troca /X/ por [r], manifestada pelos três sujeitos. Percebeu-se, nesse contexto, que, quanto maior a série, maior o número de processos apresentados. Quanto às ocorrências desses processos, o sujeito Gio (6º ano) manifestou 31 ocorrências, enquanto o sujeito Raq, (4º ano) apresentou apenas 9 ocorrências e o aluno Éd.(2º ano) totalizou 11 ocorrências. Esses dados são demonstrados na tabela 1 e Gráfico 1.

Já na escrita, foram detectados processos de desonorização, como /g/ por [k] e /b/ por [p], como em [c]urisinho e [p]uraco, respectivamente. Processos de sonorização também foram encontrados, são eles: /k/ por [g] e /t/ por [d] , como em ja[g]aré e [d]inha . Além disso, foi verificada a troca de líquidas, quando substituem o r-forte /rr/ pelo r-fraco [r]. Assim como na oralidade, a maior incidência é do último processo. Novamente, detectou-se que, quanto maior a série, maior o número de processos

apresentados. Quanto às ocorrências desses processos na escrita, verificou-se que sujeito Gio. (6º ano) manifestou todas as trocas percebidas na escrita, totalizando 30 ocorrências; já Raq. (4º ano) apresentou apenas 5 ocorrências, enquanto o sujeito Éd. (2º ano) manifestou 8 ocorrências. Os referidos dados são expostos na tabela 2 e no Gráfico 2.

Portanto, conclui-se que, nos dados analisados, tanto na oralidade quanto na escrita, quanto maior a idade dos sujeitos, maior o número de processos apresentados por eles e mais evidente é a influência do dialeto alemão falado na escrita. Isso se verifica, pois, na oralidade e na escrita, o sujeito Gio (6º ano) é o que manifesta um número maior de variabilidade de processos, considerando as duas modalidades, oral e escrita, totaliza 7 processos ; seguido de Raq. (4º ano), que manifesta 4 processos diferentes; e só depois, então, de Éd. (2º ano) que apresentou apenas 2 processos.

É possível afirmar que, com base nos resultados obtidos, foi confirmada a existência da influência do dialeto alemão, durante a aquisição da escrita, pois os erros encontrados nas produções escritas dos sujeitos estão relacionados a processos fonológicos aplicados à oralidade.

### 2.3.1 - Tabelas e Gráficos

Tabela 1 – Referente a dados verificados na coleta oral

SUJEITOS			
Processos	Éd. 2º ano	Raq. 4º ano	Gio. 6º ano
/X/ -> [r]	10/10 100%	17/19 89,47%	19/ 20 95%
/L/->[i]			9/10 90%
/aw/->[on]			3/8 37,5%
Não- Palat. /t/	1/6 16,66%	1/6 16,66%	
Não- Palat. /d/		1/4 25%	

Gráfico 1 – Referente a dados verificados na coleta oral

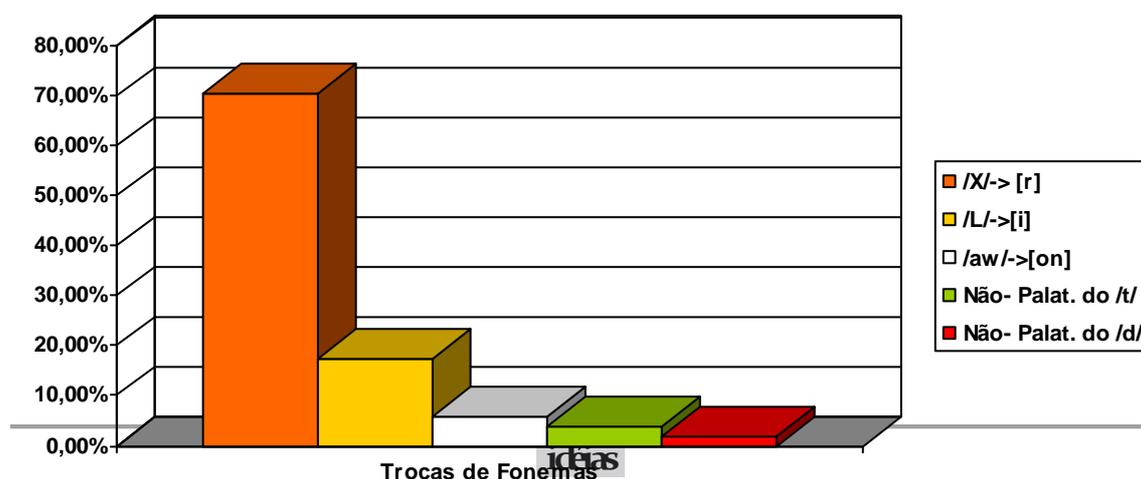
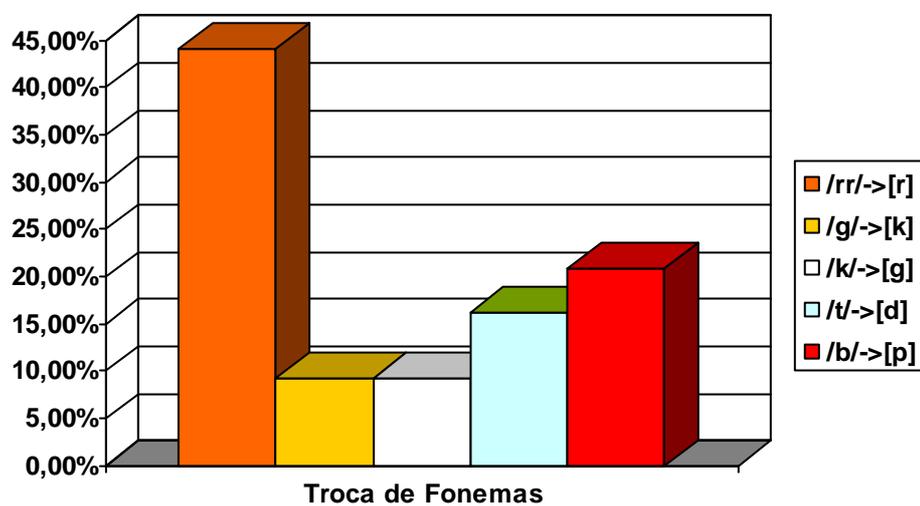


Tabela 2 – Referente a dados da coleta escrita

SUJEITOS			
Processos	Éd. 2º ano	Raq. 4º ano	Gio. 6º ano
/rr/-> [r]	8/8 100%	2/16 12,5%	9/10 90%
/g/-> [k]		3/5 60%	1/3 33,33%
/k/-> [g]			4/22 18,18%
/t/-> [d]			7/15 46,66%
/b/-> [p]			9/13 69,23%

Gráfico 2 – Referente a dados verificados na coleta escrita



---

## Conclusão

O sujeito bilíngue é objeto de muitas pesquisas, como em Grosjean (1982), por exemplo. Neste trabalho, um recorte do projeto de pesquisa “*Aquisição da escrita: influências do dialeto alemão*”, consideramos sujeitos bilíngues português/alemão, a fim de detectar a interferência de um dialeto alemão falado na escrita do português.

Alterações na escrita da língua portuguesa, resultantes da interferência da língua alemã, já foram observadas em outros estudos como cita Gärtner (2003): “interpunção (principalmente falta de virgular); divergências ortográficas gerais; divergências ortográficas de origem na fonética (principalmente no início do curso surgem grandes problemas); divergências lexicais por uso de palavras erradas ou não-convenientes na língua padrão; divergências lexicais por uso de vocábulos dialetais...”

A partir de coletas orais e escritas, foram detectados processos já mencionados em Prade (2003, p.89) “nas pessoas que falam a língua portuguesa e que apresentam interferências da língua alemã na sua fala (sotaque), ocorre frequentemente a troca de fonemas surdos no lugar dos sonoros, como , por exemplo, nas palavras dente, bolacha e gato que são pronunciadas como *tente, polach’n e cato*”.

Especificamente nessa pesquisa, foram detectados processos, tais como: sonorização, como as trocas /k/ por [g], e /t/ por [d]; a substituição de líquidas, quando os sujeitos trocam o r- forte pelo r- fraco; e processos de dessonorização, como /g/ por [k], por exemplo. Além disso, foram verificadas algumas trocas devido a determinado ditongo não existir na língua alemã, mas ser utilizado no português. Esse é o caso da troca /aw/ por [on], o ditongo /aw/ é inexistente no alemão, então ele é substituído por [on] pelos falantes.

Com base nos dados apresentados e nos resultados obtidos nessa pesquisa, verificou-se que a oralidade exerce influência sobre a escrita, pois os sujeitos integrantes dessa amostra têm como língua materna o dialeto *Hunsrückisch*. Acredita-se que, quando começaram a frequentar a escola, não falavam fluentemente a língua portuguesa, o que faz com que, durante o ato da escrita, os sujeitos direcionem-se para a oralidade da língua alemã. Nesses casos, há um confronto entre as duas línguas, o dialeto alemão falado e o português, fazendo com que isso reflita na escrita das crianças.

---

### Referências bibliográficas:

ABAURRE, Maria Bernardete Marques. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** In: KATO, Mary. A concepção da escrita pela criança. São Paulo: Pontes, 1988.

ABAURRE, Maria Bernardete Marques. **Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita.** In: Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, Porto Alegre: CEAAL/PUCRS, p. 5-49, 1992.

BASSO, Fabiane P. **A estimulação da consciência fonológica e sua repercussão no processo de aprendizagem da lecto – escrita.** (Dissertação de Mestrado. UFSM, Santa Maria, 2006.

BRUM-DE-PAULA. **Concepção dinâmica de um fenômeno complexo: bilinguismo e pronúncia nativa.** In: FERREIRA-GONÇALVES, Giovana *et all.* **Estudos em Aquisição Fonológica.** Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1987.

GÄRTNER, Angélica. **Aprendizagem do alemão padrão por estudantes teuto-brasileiros: a influência de duas línguas maternas-alemão dialetal e português.** In: CUNHA, Jorge Luiz da & GÄRTNER, Angélica. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação.* Santa Maria: UFSM, 2003.

GROSJEAN, F. **Neurolinguistics, beware! The bilingual is not two monolingual in one person.** Brain and Language, nº 36, 1989.

KREUTZ, Lúcio. **Língua de referência na escola teuto-brasileira: as tensões entre o uso do alemão e do português.** In: CUNHA, Jorge Luiz da & GÄRTNER, Angélica. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação.* Santa Maria: UFSM, 2003.

MAYER, M. *Frog, where are you?* New York: Dial Press, 1969.

---

PRADE, Helga G. **O linguajar do alemão gaúcho.** In: CUNHA, Jorge Luiz da & GÄRTNER, Angélica. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação.* Santa Maria:UFSM,2003.

PONTECORVO, Clotilde. **As práticas de alfabetização escolar: Ainda é válido o “Falar Bem para Escrever Bem”?** In: FERREIRO, Emilia. *Relações de (IN) dependência entre oralidade e escrita.* Porto Alegre: Artmed,2003.

STOLL, Claude. **Le bilinguisme: une approche typologique.** Bulletin APLV, n° 54, 1997.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WEINRICH, E. **Languages in contact.** La Haye: Mouton, 1953.